



MAPEANDO SENTIMENTOS: CARTOGRAFIAS DA QUARENTENA

Viviane Lousada Cracel

viviane.cracel@educa.campinas.sp.gov.br¹

Renata Cristina Maugeri Amorim

renata.amorim@educa.campinas.sp.gov.br²

Resumo

O trabalho apresenta um relato e reflexão sobre uma experiência didática desenvolvida durante o período de ensino remoto nas disciplinas de Geografia e Língua Portuguesa com os alunos do oitavo ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campinas/SP. A proposta principal foi abordar a cartografia como uma linguagem capaz de expressar experiências, vivências, sentimentos e percepções dos alunos durante o início da quarentena imposta pela pandemia da COVID-19. Pela plataforma Google Sala de Aula, os alunos deveriam elaborar um mapa de suas emoções no isolamento. Um encontro virtual pelo Google Meet permitiu a troca de impressões e a percepção dos sentimentos que são compartilhados como tédio, medo e esperança. A experiência trouxe à tona desconforto e surpresa relacionados tanto a vivência de um momento inédito quanto a ideia de serem autores dos mapas, mas também possibilidades de perceber e representar uma realidade subjetiva.

Palavras-chave: linguagem cartográfica, ensino remoto, criação de vínculos.

Introdução

Desde o início da pandemia em nosso país, em março de 2020, inúmeros desafios pessoais e profissionais nos foram impostos e para a educação básica não foi diferente. Com o fechamento das escolas e a suspensão das aulas presenciais, as ferramentas tecnológicas se tornaram as principais aliadas na continuidade do ano letivo. Vimos, de uma hora para a outra, estudantes e professores levando a escola para suas casas e precisando se adaptar ao contexto remoto de ensino: professores aprendendo a mexer em ferramentas digitais a fim de preparar suas aulas e atividades; e alunos realizando-as sozinhos.

No entanto, ao mesmo tempo em que se mostraram cada vez mais fundamentais neste contexto em que ainda estamos vivendo, as dificuldades e desigualdades de acesso também foram

¹ Doutora em Ciências pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora de Geografia da Rede Municipal de Ensino de Campinas/SP; o trabalho é fruto de uma prática pedagógica realizada com alunos dos anos finais do ensino fundamental durante o ensino remoto.

² Professora de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino de Campinas/SP.



escancaradas. Nos deparamos com alunos que não tinham qualquer aparelho ou então acesso à internet para desenvolver as atividades e interagir com os professores e colegas; ou ainda, estudantes com dificuldades no manuseio das ferramentas e aplicativos. Apesar deles serem considerados *nativos digitais*, o que percebemos em nosso recorte de trabalho é que na prática não é bem assim. Com isso, fica evidente que por mais necessária que sejam as tecnologias digitais nas práticas pedagógicas, o abismo ainda é grande e passa por diferentes fatores como: uma intencionalidade clara e planejada em seu uso, o desenvolvimento de práticas de letramento digital com os alunos e a garantia de acesso de qualidade a todos.

O centro do trabalho docente é a atividade de aula, encaminhada de modo a provocar e intervir na relação do sujeito (estudante) com a realidade (objeto de conhecimento). Nesse sentido, elaborar atividades/propostas para o ensino remoto exigiu mais do que nunca atenção ao contexto em que os alunos estavam inseridos, visto as variadas dificuldades enfrentadas, seja nas limitações na execução, seja na manutenção do vínculo com os alunos. Pensar em atividades adequadas à realidade dos estudantes era fundamental para que estes pudessem continuar com seus estudos e não desanimassem frente às adversidades.

Foi pensando principalmente neste aspecto que surgiu a experiência pedagógica interdisciplinar relatada aqui. Ela envolveu as disciplinas de Geografia e Língua Portuguesa e foi planejada para alunos do oitavo ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campinas/SP no início do mês de maio e finalizada no final de julho de 2020. Neste momento, ainda estávamos no processo de localizar os alunos, inseri-los na plataforma Google Sala de Aula (escolhida pela Prefeitura Municipal de Campinas para as interações e atividades remotas) e nos grupos de WhatsApp para postarmos as primeiras atividades.

A proposta da Rede não era de aula *on-line* ou de educação a distância, mas sim de ações mitigadoras e emergenciais de apoio pedagógico assíncronas, conforme publicado em um documento orientador³ que serviu como base para este período de suspensão das atividades escolares presenciais. O documento também destaca alguns princípios a serem observados na elaboração das atividades e nas interações, dentre eles: valorização da experiência extraescolar dos alunos, promovendo um conhecimento contextualizado nas práticas sociais; promoção da postura

³ Documento disponível no site: <https://sites.google.com/educa.campinas.sp.gov.br/sme-teletrabalho/ensino-fundamental?authuser=0>



investigativa do aluno, proporcionando-lhe situações didáticas planejadas que contribuam para o desenvolvimento de novos conhecimentos, por meio de abordagens interdisciplinares, pesquisas a partir de temas ou complexos geradores, e tantas outras propostas metodológicas que promovam o espírito investigativo; e educação para o exercício da cidadania, com ações que promovam a reflexão e análise dos problemas vividos.

A partir do exposto, este trabalho pretende descrever e refletir sobre uma situação de ensino-aprendizagem remota em que a cartografia foi utilizada como expressão dos sentimentos e percepções dos alunos sobre a quarentena imposta pela pandemia, com o objetivo principal de conhecer a realidade dos estudantes, criar vínculos, refletir sobre o que estavam sentindo e apresentar outras possibilidades de mapeamentos.

Mapear é preciso!

[...] Atos de mapear são criativos,
Às vezes inquietos,
Momentos de obter conhecimento sobre o mundo,
E o mapa é ao mesmo tempo
Uma materialização da cognição
E um estímulo para novos compromissos com o conhecimento.

Denis Cosgrove

Seemann (2013b) cita o famoso geógrafo inglês David Harvey ao afirmar que "nada é tão caro ao coração e à mente dos geógrafos como os mapas". Mas, que usos estamos fazendo dos mapas em ambiente escolar? Será que apresentamos os mapas como um ato criativo e reflexivo? Será que toda a sua potência e possibilidades são de fato exploradas e valorizadas?

Em sua maioria, a cartografia ensinada em sala de aula, como discute Seemann (2011), ainda está alicerçada em conceitos e princípios que enfatizam a precisão e a objetividade das informações representadas e quando não contemplam alguns dos elementos tidos como essenciais são considerados incompletos ou errados. Muitos materiais e/ou práticas pedagógicas trazem o mapa como algo pronto, contemplando aspectos técnicos da representação e, geralmente, apenas para a localização de fenômenos ou, então, exercícios de interpretação.

Entendemos que essa concepção empobrece as possibilidades de representação espacial, suprimindo outras formas de expressividade. Com isso, a concepção de linguagem cartográfica que deveria ampliar os horizontes e as perspectivas de mapeamentos, acaba por limitá-la à



decodificação desta gramática. Neste sentido, é preciso definir o que entendemos por mapa e como ele pode ser uma forma de refletir sobre as emoções dos estudantes.

Compartilhamos a definição defendida por J. B. Harley e David Woodward (1987), que propõem que "mapas são representações gráficas que facilitam a compreensão espacial de coisas, conceitos, condições, processos ou eventos no mundo humano" (p. XVI - tradução nossa). Desta forma, o mapa se torna uma linguagem capaz de expressar experiências, olhares e ideias que as pessoas têm do espaço e, portanto, tem muita relação com as nossas vidas, com a nossa história, nosso momento. Mas, por que mapear? Porque o ato de mapear mexe com a criatividade, nos inquieta e estimula o raciocínio espacial, tão caro para a Geografia. Conforme salienta Seemann (2013a), os mapas não são, de forma alguma, pontos finais de uma obra, mas pontos de partida para pensar, refletir e discutir *geografias* e, portanto, seria "lastimável se desperdiçássemos seu potencial como forma de comunicação, expressão e meio para apreender a realidade" (p.12).

A partir disso, as possibilidades de mapeamentos são múltiplas e, ao mesmo tempo, inspiradoras, já que nos permitem ir além da representação. Neste movimento, podemos mergulhar no contexto e revelar o que parecia invisível de início, analisando-o criticamente. Mais importante do que o produto é o processo, a construção de sentidos e suas reflexões que nos interessam aqui.

Souza e Katuta (2001, p. 77), fazem uma constatação interessante a respeito: "leiturizar geográfica e cartograficamente o aluno, portanto, implica não somente ensiná-lo a ler o 'alfabeto cartográfico', mas também ensiná-lo a construir pensamentos sobre a representação".

Ensinar a ler em Geografia significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido, utilizando-se da cartografia como linguagem, efetivando-se o letramento geográfico. (...) Assumimos que o conhecimento cartográfico não é apenas uma técnica, mas pode utilizar-se dela com o objetivo de dar ao aluno condições de ler e escrever o fenômeno observado. Ao apropriar-se da leitura, o aluno compreende a realidade vivida, consegue interpretar os conceitos implícitos no mapa relacionando com o real (CASTELLAR, 2011, p. 123).

Isso posto, se pudéssemos complementar o trecho da epígrafe deste item, diríamos que o mapa é um "estímulo para novos compromissos com o conhecimento **e com a docência**".

Percurso didático-metodológico

A surpresa provocada pela pandemia do novo coronavírus impactou a comunidade escolar. Como toda a realidade imposta pelas reportagens e medidas sanitárias estavam afetando



mentalmente nossos alunos? O que o isolamento e a distância da escola provocaram neles? Frente aos novos desafios, o objetivo foi estabelecer uma forma de comunicação para que os estudantes pudessem expressar seus sentimentos.

Mas como se pode mensurar algo intangível? De que maneira experiência questões subjetivas de forma mais palpável? A partir dessas questões foi elaborada a atividade *Mapeando os sentimentos* cuja proposta para os alunos foi a elaboração de um mapa das experiências sentimentais vivenciadas por eles durante a quarentena, relacionando acontecimentos das suas vidas em uma perspectiva cartográfica. A inspiração para esta proposta surge a partir da leitura da obra "Atlas da experiência humana: cartografia do mundo interior", de Louise van Swaaij e Jean Klare.

Esta obra nos convida a representar graficamente um território que nos é próximo, porém, desconhecido, que é o da própria vida, da experiência, dos pensamentos e dos sentimentos. Os mapas presentes no atlas são muito semelhantes aos mapas físicos já conhecidos, mas cada um dos lugares e "acidentes geográficos" recebem o nome de ações e emoções diferentes, oferecendo, assim, novas formas simbólicas de nos descrevermos e, por que não, refletirmos sobre nossas experiências e vivências.

Inspiradas por esse olhar e diante da necessidade de sabermos como nossos alunos estavam, inclusive mentalmente, é que propusemos, então, a reflexão a respeito deste momento tão estranho e atípico que estávamos vivendo. No texto de orientação, explicamos que aquele era um momento histórico e desconhecido e, por isso, cada um a seu modo, e muitas vezes com ajuda, precisava criar estratégias para lidar com todos os problemas provocados por este novo vírus. Era essa a intenção da atividade: saber como estavam lidando com tudo isso. Comentamos que esses e outros questionamentos poderiam ser organizados de diferentes maneiras como conversar com alguém, escrever, desenhar. Nesse momento, apresentamos a proposta de produção de um mapa sobre as experiências sentimentais na quarentena (palavra empregada para o período de afastamento, visto que até o momento não sabíamos o tamanho da crise pela qual infelizmente ainda estamos passando).

Para inspirar os alunos, foi disponibilizada junto com as orientações da atividade uma crônica, intitulada *O mapa nosso de cada dia*, de Manoel Fernandes Souza Neto, com a intenção de provocar neles um outro olhar para o mapa, com possibilidades de novas representações. Além do



mapeamento dos sentimentos em si, a proposta foi trabalhar a construção de legenda e título também, não tanto no sentido do rigor da representação, mas entendendo que pensar sobre esses elementos poderiam auxiliar na reflexão e na própria organização do que estavam sentindo.

A primeira sugestão foi de listarem os sentimentos ou emoções predominantes naquele momento. Elencamos alguns exemplos como medo, insegurança, descobertas, amizade, necessidade, saco cheio etc. e solicitamos que estabelecessem uma ordem entre eles, destacando os que sentiam em maior quantidade ou frequência até os que vivenciaram menos. Na sequência, pedimos que criassem um contorno fictício, no centro da folha, para delimitar o território (no caso, o seu território interior). Além disso, também aconselhamos que pensassem na sua distribuição pela folha: título na parte de cima, legenda na lateral do mapa (direita ou esquerda), o nome do aluno na parte de baixo da folha e a folha deitada para aproveitar mais o espaço.

Depois, solicitamos que distribuíssem os sentimentos pelo território criado anteriormente, questionando como deveriam se posicionar tais emoções e sugerimos que retomassem a lista feita anteriormente para centralizar os itens principais e distribuir os demais. Foi ressaltado aos alunos que deveriam mostrar a ordem de importância dos sentimentos que estavam mapeando. Exemplificamos que o destaque poderia ser feito com cor ou tamanho: se o sentimento fosse o principal, o mais forte, poderia ser feito com a cor mais escura ou tamanho maior e, se o que sentissem fosse menos predominante, pintassem com a mesma cor, só que mais clara ou o representassem com tamanho menor.

Para finalizar as orientações, propusemos a possibilidade de incorporar elementos físicos (montanhas, rios, mar, vegetação, vulcão em erupção etc.) ao território mostrando metáforas possíveis: um rio poderia ser colocado como "meio" que os levasse de um sentimento a outro; uma montanha representaria algo que se está "escalando" como um desafio. Nossa proposta era deixar claro aos alunos que não havia certo ou errado, mas sim possibilidades de se expressarem criativamente, deixando que os sentimentos os conduzissem nas suas representações.

Na sequência, realizamos um encontro virtual pelo aplicativo Google Meet. A ideia foi conversar sobre a atividade de mapeamento, com o esclarecimento de possíveis dúvidas, bem como a troca de impressões e sensações despertadas com a atividade. Além disso, a intenção era que os alunos pudessem apresentar e comentar sobre seus mapas e os sentimentos nele destacados, ou



seja, um momento de socialização. Na ocasião, também compartilhamos nossos mapas e impressões da atividade.

A proposta foi inserida na plataforma Google Sala de Aula em um tópico criado para a postagem de atividades interdisciplinares entre os componentes curriculares de Geografia e Língua Portuguesa intitulado *Geografês Portugrafia*. Essa foi a primeira atividade interdisciplinar de várias desenvolvidas remotamente ao longo do ano letivo de 2020. Todas as interações ocorreram de maneira virtual, tanto pela plataforma quanto por aplicativos como o WhatsApp e Google Meet.

Resultados e discussões

De início, a proposta provocou certo desconforto nos alunos, visto que se tratava de uma novidade para eles. Segundo os relatos, os únicos mapas que haviam feito até então eram do trajeto casa-escola ou da sala de aula, mostrando a disposição das carteiras e demais objetos. No mais, apenas pintavam ou extraíam informações deles para responderem algumas questões presentes no livro didático ou feitas pelo professor. Além disso, alguns se mostraram surpresos com a ideia de serem autores de mapas, reforçando a concepção bastante recorrente, infelizmente, de que o mapa é produzido por alguém distante, normalmente especialista, e que nós apenas o consumimos.

Em decorrência disso, alguns manifestaram certa resistência em realizar a atividade, alegando que não conseguiriam ou não seriam capazes de produzir o mapa em questão. Nesse sentido, houve um trabalho nosso em explicar outras possibilidades de mapeamento, por vezes pouco exploradas, mas igualmente importantes e que para nós não interessava a precisão do produto, mas sim, as reflexões suscitadas ao longo do processo de mapeamento. Percebemos que a ideia da precisão presente nos mapas estava bloqueando o processo criativo dos alunos.

Apesar das particularidades de cada representação, é possível perceber que há percepções e sentimentos que são compartilhados por grande parte dos alunos como o tédio, o medo, a raiva e a esperança. A raiva, inclusive, foi representada por muitos por um vulcão em erupção, o que consideramos interessante como metáfora para a explosão e intensidade que este sentimento muitas vezes provoca. Por causa do espaço, trazemos apenas duas produções.

Na primeira (Figura 1), é notória a riqueza de detalhes trazidos pela aluna bem como as metáforas feitas com os acidentes geográficos, conforme sugerido nas orientações. Interessante observar como os sentimentos foram agrupados, com aqueles mais preocupantes na parte mais escura e sombria do mapa, e aqueles mais positivos na parte mais iluminada do mapa. As

descobertas sobre si mesmo junto com a união da família foram representadas navegando no mar do otimismo. E a escrita e a caminhada como momentos/ações mais livres, contrapondo, talvez, a necessidade de ficarmos “presos” em casa.

Figura 1 - Como está minha mente nessa quarentena



. Fonte: Elaborado por uma aluna.

Já no segundo mapa (Figura 2), ainda que de maneira inconsciente, a representação se assemelha a um perfil de solo, com os sentimentos infiltrando pelos seus horizontes e poros, adentrando até as camadas mais profundas, ao mesmo tempo em que se misturam, se confundem. De certa forma, reflete a maneira como os diferentes sentimentos foram nos invadindo, inesperadamente até, e preenchendo nosso mundo interior.



Figura 2 - Mapeando sentimentos.



Fonte: Elaborado por uma aluna.

De maneira geral, acreditamos que os objetivos foram alcançados, seja pela reflexão dos sentimentos vivenciados, seja pelos mapeamentos, muito expressivos e ricos em metáforas e relações com elementos geográficos. No encontro virtual ao final da atividade, os alunos que participaram relataram ter gostado da experiência.

Considerações finais

A situação de ensino-aprendizagem descrita neste trabalho é fruto de inquietações e necessidades impostas pela pandemia do novo coronavírus, sobretudo, em um primeiro momento, de saber se nossos alunos estavam bem, qual era o seu contexto e como estavam lidando com este momento de restrições e mudança de rotina. Nesse sentido, acreditamos que as atividades permitiram aos alunos construir conhecimentos na interação com o mundo e refletir sobre seus sentimentos. Além disso, houve a criação de vínculo entre as professoras e os alunos dado pelo mesmo contexto que nos atinge: o isolamento e a subjetividade das emoções.

Ao desconstruirmos a visão do mapa como algo pronto, descontextualizado cuja utilização se restringe apenas à localização de lugares e fenômenos, auxiliamos nossos alunos a compreender a relevância e importância dos mapas como construções sociais e passamos a pensar, perceber e discutir relações da sociedade com o espaço. As nossas práticas cotidianas são repletas de espacialidades e estas são construídas também pelas nossas experiências sentimentais. Ao explorar suas múltiplas potencialidades como linguagem, ampliamos seus contornos e seus sentidos. Muda-



se a ideia que muitos têm de que o mapa é uma superfície fria, sem emoção. Por fim, abre caminhos para a compreensão das subjetividades de nossas vivências e práticas sociais na produção do espaço geográfico.

O mapa, seja ele qual for, é sempre uma interpretação do espaço (ou, neste caso, dos sentimentos) que afirma representar e, por isso, não existe um mapa exato do mundo e nem nunca haverá. O paradoxo é que muitas vezes o mapa é que nos possibilita conhecer o mundo, mas não é possível representá-lo definitivamente com apenas um e, neste caso, é quando ele nos é ainda mais útil. Como nos diz Chris Perkins (*apud* SEEMANN, 2013b, p. 138), “sendo uma prática humana, podemos fazer disso [o ato de mapear] o que queremos que seja. E os confins para aquilo que podemos saber sobre esses mapeamentos são igualmente ilimitados”. As inúmeras possibilidades estão ali no próprio mapa, “*maravilhosamente mudo enquanto fala para quem o olha*” (SOUZA NETO, 2008, p. 57, *itálico nosso*), mas que só compreende quem vê além da representação.

Referências bibliográficas

CASTELLAR, Sonia Maria V. A cartografia e a construção do conhecimento em contexto escolar. In: ALMEIDA, Rosângela D. de. (org.) **Novos rumos da cartografia escolar**: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011. p. 121-135.

HARLEY, J. B.; WOODWARD, D. The map and the development of the history of cartography. In: HARLEY, J. B. & WOODWARD, D. (eds). **The history of cartography**: cartography in prehistoric, ancient and medieval Europe and the Mediterranean. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987. (v. 1).

SEEMANN, Jörn. Entre usos e abusos nos mapas da internet. In: ALMEIDA, R. D. de. (org.) **Novos rumos da cartografia escolar**: currículo, linguagem e tecnologia. São Paulo: Contexto, 2011. p. 163-175.

SEEMANN, Jörn. Mapas e as suas agendas escondidas”: propostas para uma “cartografia crítica” no ensino de Geografia. **Anais do 7º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia**. Vitória/ES. Set./2013a.

SEEMANN, Jörn. **Carto-crônicas**: Uma viagem pelo mundo da Cartografia. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013b.

SOUZA, J. G. de; KATUTA, A. M. **Geografia e conhecimentos cartográficos**: a cartografia no movimento de renovação da Geografia brasileira e a importância do uso de mapas. São Paulo: Editora UNESP, 2001. 162p.

SOUZA NETO, M. F. O mapa nosso de cada dia. In: **Aula de Geografia e algumas crônicas**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

SWAAIJ, Louise van; KLARE, Jean. **Atlas da experiência humana**: cartografia do mundo interior. Tradução Celso de Campos Jr. e Isa Mara Lando. São Paulo: Publifolha, 2004.